



Trocar seis semanas por minutos de radioterapia

CUF Porto. Unidade portuguesa de saúde é a única na Europa a participar no ensaio clínico de radioterapia interoperatória de igual eficácia

SÉRGIO PIRES

Chama-se radioterapia interoperatória e garantem que de forma igualmente eficaz substitui aquilo que no método convencional são seis semanas de tratamento, após a remoção de um tumor na mama, por alguns minutos dentro do bloco operatório.

Dépois de, em abril de 2012, o Instituto e Hospital CUF Porto ter assumido um papel pioneiro na Europa na adoção deste novo tipo de tratamento para o cancro da mama, a unidade portuguesa tornou-se recentemente na única a nível europeu a participar num ensaio clínico internacional, certificado pelo National Cancer Institute norte-americano – que conta com a participação de hospitais e centros de investigação como o University of Chicago Medical Center, o Long Beach Memorial Medical Center ou o City of Hope. O ensaio acompanha a evolução das doentes durante um ano e meio, a partir do momento em que é realizada cirurgia com radioterapia interoperatória, e vai incluir em vários centros clínicos mais de um milhão de doentes (cerca de metade já estão inseridas neste protocolo), que serão vigiadas por um período de 12 anos.

“Foi-nos proposto fazer parte do ensaio porque somos na Europa o centro com mais experiência, já que desde 2012 tivemos 35 doentes inseridos nesta modalidade única de tratamento adjuvante de radioterapia”, afirma ao DN Paulo Costa, médico responsável pela unidade de radioterapia do Hospital CUF Porto e membro da Sociedade Portuguesa de Radioterapia e Oncologia, sublinhando em seguida os benefícios da participação neste tipo de protocolos: “Além de alargar o espectro de doentes que podem fazer este tipo de tratamento, este en-

saio clínico obriga-nos a um rigor de registo muito grande e à obrigatoriedade de sermos avaliados periodicamente pelos auditores internacionais que nos certificaram. O que é bom, já que não alterou muito a rotina e dá-nos a noção de que estamos a seguir as nossas doentes em linha com os critérios internacionais mais exigentes.”

De acordo com José Fleming Oliveira, atual coordenador da Unidade da Mama do Instituto CUF Porto, a radioterapia interoperatória é um procedimento vantajoso para os doentes. No entanto, esta nova modalidade de terapêutica do cancro da mama pode ser utilizada apenas para remover tumores pe-

tes, já que é feito numa dose única, na sala de operações, e não depois de a doente ter alta, obrigando-a a fazer radioterapia ao longo de várias semanas, com a carga psicológica que isso implica”, explica Fleming Oliveira.

Foi esse o caso de Maria Luísa Nóvoa, de 70 anos, que há dois anos optou por realizar este tratamento durante a cirurgia. “Considerando a idade que tenho, não sei se aguentaria muitas sessões de radioterapia. Explicaram-me o tratamento que ia ser feito, percebi que era de alguma forma inovador e aceitei porque me pareceu a opção melhor em termos de qualidade de vida”, declara ao DN. “A carga psicológica e a poupança de tempo e nas deslocações são determinantes para convencer os doentes das vantagens deste procedimento. Outra vantagem é que o equipamento que faz a radioterapia interoperativa é portátil. Hoje está aqui no Hospital CUF Porto e amanhã poderá estar no CUF Descobertas, em Lisboa. Tudo porque, além da facilidade de transporte, o equipamento não tem nenhuma fonte radioativa. É como se fosse um aparelho de raios X”, argumenta Paulo Costa, que sobre o facto de este tipo de tratamento não ser mais generalizado tem uma explicação: “Por vezes, é uma vantagem chegar tarde a um mercado estabelecido. Achámos que este equipamento era uma boa solução e investimos nele. Como é uma tecnologia recente, muitos hospitais ainda estão a rentabilizar os investimentos pesados que fizeram noutros métodos, pelo que acredito que mais tarde este tipo de tratamento irá ser mais generalizado. Aliás, pelo papel pioneiro do grupo CUF nesta área temos servido a nível europeu de exemplo para alguns hospitais que nos têm contactado para introduzir este tipo de tratamento, nomeadamente em Espanha e Inglaterra.”



Fleming Oliveira coordena a Unidade da Mama do Instituto CUF do Porto

quenos, no máximo com dois centímetros, que estejam localizados e ainda numa fase precoce, pelo que nem todas as doentes são elegíveis.

“Na prática, o que é feito depois de o cirurgião tirar o nódulo é um procedimento em que o balão intraoperatório é bloqueado cirurgicamente. O cirurgião sai da sala e o aparelho de radioterapia é ligado; o físico nuclear e radioterapeuta fazem os cálculos de quantos minutos são necessários para fazer essa sessão, que oscila entre 8 e 14 minutos em média, dependendo do tipo de células. No final, as vantagens deste tratamento são eviden-